

A velhice no ponto de ônibus

Tema tão em moda nos dias de hoje, fui encontrá-lo, de maneira inusitada, num ponto de ônibus da via W-3 Norte 712/713, em Brasília (DF). Enquanto espero o ônibus, folheio o livro “A Velhice”, de Simone de Beauvoir, editora Nova Fronteira, colhido na Biblioteca Popular, ao ar livre, na rua coberta, sem que ninguém me interpele sobre a consulta. Uma nota de rodapé: “aproveite seu tempo de viagem para uma experiência inesquecível”. Entrei no ônibus com o livro e só devolvi dez dias depois, da mesma forma que o apanhei: sem interveniência de ninguém. Coisas do Amorim, um visionário da cultura.

O livro é um aprofundado estudo sobre as dificuldades que tem o ser humano de encarar a própria velhice com suas limitações, até tomar consciência da passagem do tempo e da existência. Uma viagem que nos remete ao Saber Envelhecer, de Cícero; à velhice, em Cecília Meireles; ao Apocalipse, de João, onde “os vinte e quatro anciões têm vinte e quatro assentos em volta do trono de Deus”. Pois bem, vamos aos registros de Simone de Beauvoir e a alguns comentários: Walt Whitmann (1819-1892), inspirado num otimismo vitalista, viveu momentos difíceis numa onda de felicidade: “Passei hoje um quarto de hora com Goethe (Joana Wolfgang- 1749-1832); ela parecia mal disposta e foi dormir”. E deixou para pôsteres essa leitura: “Mas quando a vida declina, e todas as paixões amansam: eis então os dias mais ricos, os mais calmos, os mais felizes de todos”.

O vigor de Leon Tolstoi (1828/1910) era legendário. Aos 67 anos aprendeu a andar de bicicleta. Aos 80 era aclamado em Moscou pelo seu trabalho literário.

Pierre-August Renoir (1814/1919) pintou até a morte, aos 78 anos.

Giovanni Papini (1881/1956) aos 70 anos escreveu a um amigo: “Ainda não percebo a decadência senil. Tenho sempre um grande desejo de aprender e de trabalhar”.

O tema de Ernest Hemingway (1899/1961) em O velho e o Mar é viver sua ultima idade como um desafio... E depois de trazer à terra um enorme peixe capturado porem sem conseguir defende-lo dos tubarões, vê-se diante do esqueleto pescado: “Um homem pode ser destruído, mas nunca vencido”. Na verdade Hemingway sabia que o homem idoso lutando com o seu declínio, retarda. A atitude dos idosos depende de sua opinião geral em relação a velhice. “A Providencia nos conduz com tanta bondade em todos os diferentes tempos de nossa vida, que quase nem sentimos”. (Madame Sévigné).

Jean-Paul Sartre (1905/1980) dizia que o “irrealizável é o que penso que sou as coisas todas que eu penso que posso que eu penso que sei. É o avesso de minhas limitadas escolhas”. Nosso inconsciente ignora a velhice. Quando essa ilusão é abalada provoca em inúmeros sujeitos um traumatismo narcídeo que gera uma psicose

depressiva. É a ferida narcísea e acontece em qualquer idade. Paul Claudel (1868-1955) escreveu em seu journal: “Oitenta anos! Foram-se os olhos, os ouvidos, os dentes, as pernas e o fôlego! E é impressionante, apesar de tudo, como se consegue passar sem tudo isto”!

E o octogenário François-Marie Voltaire (1964/1778) iniciado Maçom no leito de morte! Uma profissão de fé! Bernard de fontenelle (1657/1757) morreu com quase 100 anos, murmurando: “Não sinto nada, além de certa dificuldade de ser”. Sua idade mais feliz declara, “foi de 60 a 80 anos”.

Claro que Simone Beauvoir relata episódios crueis, mas a memória dos tempos aí está a nos mostrar que somos capazes de atacar o problema essencial das pessoas idosas: a readaptação ao espelho da alma, não ao espelho a parede. Não se afastam os velhos da vista publica. Os velhos devem ser vistos como pessoas e não como doentes internados em hospitais. O Estado deve ser parceiro nesta caminhada criando condições para readaptação da velhice com suas deficiências naturais.

Valfredo e Melo

ARLS Dirceu Torres- Brasília-DF